



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**RELATO AUTOBIOGRÁFICO DA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE UMA ALUNA  
SURDA: DA ORALIZAÇÃO AO APRENDIZADO DA LIBRAS**

**CRISTIANE COSTA CAMPOS DE FREITAS**

Aparecida de Goiânia  
Junho, 2022

**CRISTIANE COSTA CAMPOS DE FREITAS**

**RELATO AUTOBIOGRÁFICO DA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE UMA ALUNA  
SURDA: DA ORALIZAÇÃO AO APRENDIZADO DA LIBRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Educação Online do Instituto Nacional de Educação de Surdos – Polo IFG, como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagoga.

Orientadora: Dra. Tania Chalhub de Oliveira

Co-orientador: Adriano Nunes da Silva

Aparecida de Goiânia  
Junho, 2022

**CRISTIANE COSTA CAMPOS DE FREITAS**

**RELATO AUTOBIOGRÁFICO DA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE UMA ALUNA  
SURDA: DA ORALIZAÇÃO AO APRENDIZADO DA LIBRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo  
de Educação Online do Instituto Nacional de Educação de  
Surdos como requisito parcial para obtenção do grau de  
Licenciatura em Pedagogia.  
Orientadora: Dra. Tania Chalhub  
Co-Orientador: Adriano Nunes da Silva

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>.Dra. Tania Chalhub de Oliveira – Orientadora

---

Prof. Adriano Nunes da Silva – Co-Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Renata Barbosa Dionysio, INES

---

Luis Gustavo Magro Dionysio, INES

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## FICHA CATALOGRÁFICA

F866r Freitas, Cristiane Costa Campos de.  
Relato autobiográfico da trajetória educacional de uma aluna surda: da oralização ao aprendizado da Libras / Cristiane Costa Campos de Freitas. — 2023.  
31 f. ; 30 cm.

Orientadora: Tania Chalhub de Oliveira.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)—Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2023.

1. Ensino especial. 2. Narrativa. 3. Memória. 4. Experiência. I. Título. II. Oliveira, Tania Chalhub de.

CDD 371.912

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre as possibilidades de efetivação do Ensino Especial na perspectiva da inclusão a partir do rompimento dos modelos excludente e integrador por meio das minhas experiências vividas como aluna e professora, com diversos atores desse processo educacional. O foco são as questões ligadas a educação para surdo, o Oralismo, o Bilinguismo e o uso da Libras, tendo por base minha trajetória educacional, narradas pela minha família e por mim surda, pedagoga e educadora. O objetivo da pesquisa é refletir sobre o meu processo de formação vivido e minha prática profissional na educação. A metodologia utilizada é uma pesquisa qualitativa, narrativa autobiográfica por meio da qual se procura descrever e interpretar a experiência vivida como discente e docente. A parte teórica desse estudo buscou nas bibliografias utilizadas integrar à reflexão científica e legislativa às minhas memórias e experiências vivenciadas como pessoa surda desde a Educação Infantil até o Ensino Superior e como pedagoga na minha experiência como instrutora educacional.

Palavras-chave: Ensino Especial. Narrativa. Memória. Experiência.

## RESUMO EM LIBRAS

Link do vídeo

<https://www.youtube.com/watch?v=RB9xh6fOzQ0>

## **ABSTRACT**

The present study aims to problematize the possibilities of carrying out Special Education in the perspective of inclusion from the break of the segregation and integrative models through an autobiographical narrative of my lived experiences. The focus is on issues related to deafness, education for the deaf, Oralism, Bilingualism and the use of Libras. Based on the unveiling of meanings found in my educational trajectory, narrated by my family and deaf, pedagogue and educator. The methodology used is similar to a theoretical-empirical, qualitative, autobiographical narrative approaching the phenomenological approach through which it seeks to describe and interpret the meaning experienced as a student and teacher. The theoretical part of this study sought in the bibliographies used to integrate scientific and legislative reflection into my memories and experiences as a deaf person from Early Childhood Education to Higher Education and as a pedagogue in my praxis as an educational instructor.

**Keywords:** Special Education. Narrative. Memory. Experience.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	7
2. METODOLOGIA .....	8
3. O SUJEITO DA EXPERIÊNCIA: UMA SURDA NO MUNDO DE OUVINTE E UMA OUVINTE NO MUNDO DOS SURDOS.....	10
4. EM BUSCA DA EDUCAÇÃO.....	17
5. CONCLUSÃO .....	26

## REFERÊNCIAS



## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre as possibilidades de efetivação do Ensino Especial na perspectiva da inclusão a partir do rompimento dos modelos excludente e integrador por meio de uma narrativa autobiográfica das minhas experiências vividas.

O foco são as questões ligadas a surdez e a educação para surdo e o uso da Libras e suas relações como fenômeno social e cultural da comunidade surda. Tendo por base apresentar os sentidos compreendidos da minha trajetória educacional, narradas pela minha família e por mim surda, pedagoga e educadora.

Para entender o movimento da minha trajetória peço que tenham atenção (uso da língua) cuidadosa ao fato de que este não é um trabalho de conclusão de curso (TCC), tal qual se espera de um TCC ou como os outros estudos teóricos de temas diversos ligados à pedagogia.

Convencionalmente, espera-se que um texto de um trabalho acadêmico de TCC, deva conter a fundamentação teórica, um estudo bibliográfico ou uma pesquisa de campo fundamentada, estudada e pesquisada pelo orientando e muitas das vezes indicada pelo orientador. Porém, a base da reflexão são os relatos da minha experiência enquanto aluna surda.

O que faço aqui tem o relato das minhas experiências vivenciadas no espaço escolar e a interpretação com base teórica da educação de surdos. A metodologia utilizada é uma pesquisa bibliográfica e uma narrativa autobiográfica procurando descrever e interpretar o sentido vivido como surda, discente e docente ao longo da minha experiência escolar.

A parte teórica desse estudo buscou nas bibliografias utilizadas integrar à reflexão científica às minhas memórias e experiências vivenciadas como pessoa surda desde a Educação Infantil até o Ensino Superior como aluna do curso de pedagogia e a minhas práxis como professora em sala de aula.

O objetivo da pesquisa é refletir sobre o meu processo de formação vivido e minha prática profissional na educação.

## 2. METODOLOGIA

Como bem explica o pedagogo e filósofo Jorge Larrosa Bondía<sup>1</sup>, (2002), devemos valorizar mais nossas experiências vividas as nossas histórias como algo também pedagógico e para a formação de professores por meio da nossa práxis e de outros.

Nomear o que fazemos, em educação ou em qualquer outro lugar, como técnica aplicada, como práxis reflexivas ou como experiência dotada de sentido, não é somente uma questão terminológica. As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras. (BONDIA, 2002, p.21)

Esse modelo teórico acadêmico de auto pesquisa biográfica busca valorizar a experiência do narrador a partir de suas lembranças, memórias e experiências vividas. Sendo um relato real de sua história e trajetória de vida. Sendo assim, focalizo nesta pesquisa não a análise sistematizada da literatura ou de bibliografias e referências. Essas sim aparecem nesse estudo, mas apenas como pano de fundo. O foco real e central é o relato das minhas experiências e memórias de vida organizadas a partir da minha narrativa.

Segundo Lima, Geraldi e Geraldi (2015) uma das formas da pesquisa narrativa é a autobiografia feita pelos sujeitos de eventos passados que são “rememorados”.

Uma pesquisa em que emergem o sujeito e, ao mesmo tempo como seu subproduto, todo um modo de ensinar e aprender de uma época [...] As pesquisas acerca das histórias de vida na formação de professores apostam no potencial da escrita de si para a compreensão dos processos de formação dos sujeitos. (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015, p. 26)

É que as experiências educacionais de uma pessoa surda são tão singulares e diferentes das experiências vivenciadas por outras educadoras, que ao serem

---

<sup>1</sup> JORGE LARROSA BONDÍA é Licenciado em Pedagogia e em Filosofia e doutor em pedagogia pela Universidade de Barcelona, Espanha, onde atualmente é professor titular de filosofia da educação. Publicou diversos artigos em periódicos brasileiros e tem dois livros traduzidos para o português: *Imagens do outro* (Vozes, 1998) e *Pedagogia profana* (Autêntica, 1999).

relatadas, poderão contribuir com a formação de professores tanto quanto uma pesquisa bibliográfica concatenada de argumentação e citações teóricas.

Pelas narrativas de vidas sempre há compartilhamento de experiências, entre narrador e ouvinte (no caso aqui escritor e leitor). Deste modo, me posiciono como narradora e, ao mesmo tempo, personagem, posto que tal texto tenha por objetivo compartilhar a trajetória da minha educação no ensino regular, particular, público, ensino especial, terapias oralistas, tratamentos fonoaudiólogos, aprendizado da Libras, ensino superior e experiência profissional como instrutora educacional na rede pública.

### **3. O SUJEITO DA EXPERIÊNCIA: UMA SURDA NO MUNDO DE OUVINTE E UMA OUVINTE NO MUNDO DOS SURDOS**

Busco trazer nesse relato a minha multiplicidade identitária enquanto sujeito da experiência. Com veremos, ao relatar minha trajetória, a minha condição mais leve de surdez e o fato de eu ter me adaptado tão bem ao uso do aparelho auditivo e frequentado treinamento fônico com fonoaudiólogo por muitos anos, consigo transitar tanto no universo de ouvinte como do surdo.

Essa aparente facilidade na verdade pode gerar vários problemas e preconceitos por parte dos dois universos em que eu consigo transitar. No mundo dos ouvintes não sou plenamente ouvinte apesar de conseguir-me fazer entender por meio do aparelho e leitura labial. Para os ouvintes sou meio surda e nunca uma ouvinte completa. No mundo dos surdos sou meia ouvinte e não sou plenamente surda, mesmo dominando a Libras, consigo ouvir por meio de aparelhos e fazer leitura labial.

Mas, o que muitos não entendem é a necessidade do intérprete de Libras, já que de fato a leitura labial não resolve todos os problemas da surdez. Caso a pessoa esteja de frente para mim consigo entender, mas caso esteja de costas ou de lado ou de cabeça baixa ou se coloca a mão no rosto, infelizmente não é possível estabelecer comunicação. Esse bloqueio de comunicação acontece principalmente em sala de aula, onde a atuação do professor precisa ser dinâmica e não estática ou caso o professor esteja escrevendo no quadro e falando, fica impossível entender as aulas. Por isso, a necessidade de um intérprete.

Essa identidade que fica na fronteira das duas culturas ouvinte e surda sou eu o sujeito da experiência que me atravessa e me modifica. Portanto, penso ser de grande valia para a educação inclusiva.

Esse conhecimento da minha vida que até agora era somente meu e de minha família, muitas vezes preferíamos esquecer. É que alguns episódios de nossas vidas devem ser guardados em um lugar bem distante chamado passado para podermos seguir em frente.

Ao produzir o TCC fui convidada a ter a ousadia de tirar para fora minhas memórias e lembranças por uma proposta tentadora feita pela minha orientadora. Ela acabou me convencendo de que a minha singular experiência ao ser relatada na forma escrita, torna-se conhecimento científico de grande valor na formação de professores para compreender os vários níveis de surdez e a complexidade de possibilidades da educação especial para uma pessoa acometida pela surdez.

Não sendo todos os surdos iguais, mas cada sujeito tem sua trajetória e sua experiência sendo cada aluno da educação especial um sujeito único.

Essa ousadia de contar a minha experiência não é criação nossa, mas, já são propostas utilizadas por alguns teóricos e educadores que valorizam a experiência. Como por exemplo, Bondía, (2002) propõe algo diferente ao analisar o significado da palavra experiência.

O que vou lhes propor aqui é que exploremos juntos outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir da experiência/sentido. O que vou fazer em seguida é sugerir certo significado para estas duas palavras em distintos contextos, e depois vocês me dirão como isto lhes soa. O que vou fazer é, simplesmente, explorar algumas palavras e tratar de compartilhá-las. (p.20)

Também a busca aqui e explorarmos juntos outra possibilidade por meio de narrativa da experiência educacional no olhar de uma aluna surda que não somente utiliza a Libras, mas também é oralizada “e depois vocês me dirão como isto lhes soa”.

A bibliografia que nos serviu de exemplo e encorajamento é a tese de doutorado de Raimundo Márcio Mota de Castro<sup>2</sup> (CASTRO, 2013). Ele optou em ousar e escrever sua tese de forma diferente e justifica e explica sua opção da seguinte maneira.

Ao narrar minha experiência pessoal, profissional e de pesquisador (ainda que esta tese se configure como passos de um pesquisador iniciante) imagino tal tarefa como trabalho de um tear que ao juntar os fios vai tecendo a trama. Sigo, nessa tessitura, acompanhado pelos diálogos travados com meu orientador, pelos teóricos com quem compartilho a escrita e ainda pelas narrativas de 11 (onze)

---

<sup>2</sup> Raimundo Márcio Mota de Castro, escritor da tese: História e Memórias do Ensino Religioso na Escola Pública: lembranças de tempos discentes e docentes. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação-Doutorado em Educação, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás em 2013.

professores/as que, recorrendo as suas lembranças, relatam suas experiências enquanto discente, nos tempos de escola, e hoje, como docentes de escola pública. O foco narrativo que dá matiz aos fios que compõe a trama é o Ensino Religioso na escola pública. E esses fios se mostram múltiplos. Sendo fios que compõem a trama, as narrativas (dos sujeitos) se farão presente em diversos momentos do texto, ora dialogando comigo, ora constituindo o corpus empírico que reafirma o corpus teórico basilar da pesquisa. (CASTRO, 2013, p.13).

Castro (2013), ainda explica que seguia o caminho percorrido por diversos pesquisadores em trabalhos que se utilizam da pesquisa narrativa biográfica<sup>3</sup>. De forma similar a Castro (2013), mas, respeitando minha condição e existência enquanto sujeito surdo, e de identidade múltiplas, também construí essa minha pesquisa de TCC a muitas mãos e com muitas ajudas e apoio.

Primeiramente contei com a ajuda principalmente de minha mãe e de familiares para rascunhar as minhas lembranças e memórias na trajetória educacional e na luta pela minha oralização e tratamentos fonoaudiólogos.

Como a maioria dos surdos não tem domínio pleno suficiente da Língua Portuguesa, eu também não tenho. E para eu conseguir produzir um texto coeso e compreender textos complexos sozinha demanda de muito tempo e energia. Por isso, sempre necessito da ajuda de um intérprete e de uma explicação quer oralmente ou por meio da Libras ou em passar para o português escrito de forma correta o que quero dizer.

O livro publicado pelo MEC (2004), intitulado “O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa”, elaborado pela Secretaria de Educação Especial e o Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos apresenta a importância desse profissional para o pleno desenvolvimento educacional do surdo.

O intérprete educacional é aquele que atua como profissional intérprete de língua de sinais na educação. É a área de interpretação mais requisitada atualmente. [...] considerando a realidade brasileira na qual as escolas públicas e particulares têm surdos matriculados em diferentes níveis de escolarização,

---

<sup>3</sup> Entre os quais Castro (2013) destacou: Vida de professores, de Antonio Nóvoa (1992); Memória e Sociedade: memórias de velhos, de Ecléa Bosi (1994); a tese de doutorado em Educação de Elizeu Clementino de Souza (2004), intitulada O Conhecimento de si – Estágio e narrativas de formação de professores; e a tese de doutorado em História, de Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida (2009), intitulada Educação e Memória: velhos mestres de Minas Gerais (1924-1944); e A construção e a (tentativa de) desconstrução da “cultura Usiminas”: narrativas ao longo de 50 anos, tese de doutorado Administração, de Raquel Alves Furtado (2011).

seria impossível atender às exigências legais que determinam o acesso e a permanência do aluno na escola observando-se suas especificidades sem a presença de intérpretes de língua de sinais. (MEC, 2004 p.59)

Outra questão importante são as diferenças gramaticais entre a língua portuguesa e a língua brasileira de sinais (Libras). Existe uma série de diferenças que acabam impedindo e dificultando o aluno surdo de compreender e dominar perfeitamente a leitura e escrita da língua portuguesa. O documento do MEC (2004) cita algumas delas:

(1) A língua de sinais é visual-espacial e a língua portuguesa é oral auditiva. (2) A língua de sinais é baseada nas experiências visuais das comunidades surdas mediante as interações culturais surdas, enquanto a língua portuguesa constitui-se baseada nos sons (4) A língua de sinais utiliza a estrutura tópico-comentário, enquanto a língua portuguesa evita este tipo de construção. (5) A língua de sinais utiliza a estrutura de foco através de repetições sistemáticas. Este processo não é comum na língua portuguesa. (7) A língua de sinais não tem marcação de gênero, enquanto que na língua portuguesa o gênero é marcado a ponto de ser redundante. (9) Coisas que são ditas na língua de sinais não são ditas usando o mesmo tipo de construção gramatical na língua portuguesa. Assim, tem vezes que uma grande frase é necessária para dizer poucas palavras em uma ou outra língua. (10) A escrita da Língua de sinais não é alfabética. (MEC, 2004 p.84)

Diante dessas inúmeras diferenças linguísticas, fica claro o porquê de nós surdos, em sua maioria, não conseguirmos sozinhos produzir textos perfeitamente legíveis e não conseguirmos ler textos complexos e teóricos sem a ajuda de um tradutor/intérprete.

Sendo assim, para dar sentido acadêmico e científico a essa trama que é o meu TCC, contei com a total ajuda da minha orientadora e do coorientador que me ajudaram na fundamentação teórica da narrativa da minha experiência.

Em uma relação tradicional entre orientanda e orientadores, a questão teórica do TCC fica de inteira responsabilidade do orientando, sendo a função do orientador no máximo indicar livros, obras e autores e depois corrigir e orientar adequações na escrita.

Mas, no caso de uma orientanda surda essa relação precisa ser relativizada e a flexibilização curricular precisa ser aplicada de forma incisiva e real. No meu caso o papel dos orientadores não é apenas o de indicar as obras, mas, amplia-se de forma significativa. Eles discutiram os textos importantes e as citações para a construção da fundamentação teórica da pesquisa. Além de sugerir sinônimos de palavras e termos acadêmicos buscando contribuir para meu crescimento científico e possibilitando uma análise ao meu relato de experiência.

Ainda bem que nós surdos hoje podemos contar com a flexibilização curricular e receber a ajuda necessária e apoio de profissionais diversos que em um trabalho conjunto nos possibilitam realizar nossos sonhos e ter uma vida de inclusão social mais plena.

A educação nos paradigmas da exclusão e da integração até a década de 1980 em nosso país responsabilizavam os próprios alunos pelo assim chamado “fracasso escolar”. Assim, alunos com alguma deficiência sensorial ou intelectual eram descartados do processo educativo regular. Eram separados e isolados em grupos de minorias onde não conseguiam avançar nos estudos e socialmente.

A exclusão era legitimada com base no diagnóstico de não conseguirem o que os outros ditos “normais” conseguiam. A “deficiência” era, então, compreendida sob a perspectiva médica, centrada em características individuais. Não havia uma lógica que flexibilizasse e relativizasse a metodologia e a abordagem diferenciada conforme a necessidade educacional do aluno.

Entretanto, da década de 1990 para cá essa realidade tem mudado a partir da perspectiva da inclusão e não mais da exclusão ou da integração. Segundo a especialista em educação inclusiva Maria Teresa E. Mantoan, a inclusão pressupõe “a garantia do direito à diferença na igualdade do direito à educação” (MANTOAN et al., 1997). É justamente aí que entra o conceito de flexibilização curricular.

De acordo com Machado (2008,) |:

Visualizar uma escola plural, em que todos que a integram tenham a “possibilidade de libertação”, é pensar uma nova estrutura. Para tanto, é necessário um currículo que rompa com as barreiras sociais, políticas e econômicas e passe a tratar os sujeitos como cidadãos produtores e produtos de uma cultura [...]. Pouco adianta a presença de surdos se a escola ignora sua condição histórica, cultural e social.(p. 78)



O termo flexível indica oposição ao que é duro, fixo, fechado. Assim, no contexto educacional, flexibilizar significa garantir o direito à diferença no currículo e na metodologia aplicada. Implica a busca pela flexibilização conforme a realidade dos estudantes, suas características sociais, culturais e individuais. Devem-se incorporar também os diferentes modos de aprender e as múltiplas inteligências presentes em sala de aula.

Segundo Prado (2015):

a educação inclusiva pode ser considerada como uma outra cultura escolar. Essa concepção de escola surge com a intenção de encontrar respostas educativas que atendam às necessidades de todos, por meio da reestruturação de todos seus aspectos constitutivos. [...] Não se pode pensar a educação de surdos com soluções simplistas. Não basta que o indivíduo esteja na escola. É preciso que lhe sejam oferecidas oportunidades de construir saber, identidade e cultura para que não seja apenas alguém adaptado à sociedade, mas sim sujeito construtor de si mesmo e participe da sociedade.(p. 90-91)

Para ser uma educação inclusiva para alunos surdos é necessário respeitar as singularidades referentes à língua e cultura próprias da comunidade surda. Não é apenas deixar o aluno estar presente em sala de aula, é possibilitar que ele participe de todas as atividades.

De acordo com Silveira e Campello (2015, p. 222-223)

[...] para que a inclusão do surdo em escolas regulares seja possível, é necessário não apenas que se coloquem intérpretes com eles na sala de aula, mas que haja profissionais qualificados nesses locais [...] Também é importante que os alunos ouvintes se interessem em aprender a língua de sinais, para facilitar na interação do surdo com a turma.

Outro fator importante para a comunicação dos alunos surdos segundo as autoras (SILVEIRA;CAMPELLO, 2015) que todos de suas relações aprendam Libras acessando materiais didáticos bilíngues.

Atualmente muitos materiais didáticos têm sido criados com foco na educação de surdos como os desenvolvidos no Curso de Pedagogia Online do INES que estão

disponibilizados no Repositório Digital Huet<sup>4</sup>..Estes materiais devem ser elaborados tendo como base a Libras e respeitarem a visualidade, pois são os principais elementos de inclusão de surdos, um respeito à sua cultura.

---

<sup>4</sup> Repositório Digital Huet é uma biblioteca digital criada por profissionais do INES com materiais didáticos para educação de surdos ou trabalhos científicos sobre a educação de surdos. O acesso é <http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/>

## **4. EM BUSCA DA EDUCAÇÃO**

Meu nome é Cristiane Costa Campos de Freitas, nasci dia 03 de novembro de 1982 em Goiânia. Sou filha de Rosely Costa Campos. Além de mim, tenho uma irmã que se chama Victoria Costa Campos e dois filhos chamados Maria Eduarda Costa Campos e Carlos Eduardo Costa Campos.

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem-dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 17-18).

Art. 2º Para os fins deste Decreto considera-se pessoa surda àquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz (BRASIL, 2005).

### **4.1. Minha trajetória escolar**

Iniciei minha trajetória educacional formal aos 2 anos de idade como a maioria das crianças que escutam normalmente. Minha mãe me matriculou em uma pequena escola próximo ao meu bairro e da minha casa. Nessa minha primeira experiência eu fui bem recebida pelos professores e pelos colegas. Eu já sabia que era surda e já usava aparelho auditivo.

A escola não era uma escola especializada em surdez ou inclusão, não tinha intérprete de Libras, nem professor de apoio ou fonoaudiólogo. Mesmo assim o ensino recebido lá me ajudou muito no meu desenvolvimento e no início da minha alfabetização. Os professores eram atentos ao meu caso de surdez e sempre que podiam procuravam falar ou repetir frente a frente à minha face para que eu fizesse a

leitura labial e na maioria das vezes eu conseguia entender o que a professora estava falando.

Não sabia, mas, hoje pesquisando sobre as filosofias educacionais empregada na educação de pessoas com surdez entendi que eu iniciei minha vida escolar sendo alfabetizada pela filosofia educacional denominada de Oralismo.

Capovilla (2000) ao explicitar o método Oralista na comunicação com pessoas surdas ressalta que o Oralismo tem por objetivo e método, “[...] levar o surdo a falar e a desenvolver a competência linguística oral, o que lhe permitiria desenvolver-se emocional, social e cognitivamente do modo mais normal possível, integrando-se como um membro produtivo do mundo dos ouvintes”. (CAPOVILLA, 2000, p.102)

Ou seja, o Oralismo trata-se de um método que consiste em capacitar o surdo para que ele compreenda e reproduza a língua falada. Existem vários métodos de trabalho voltados para o Oralismo, mas todos partem do princípio de que o surdo é capaz de desenvolver a língua oral para sua comunicação em todos os níveis principalmente educacional.

Para Goldfeld (2002), essa filosofia e método educacional enquadra-se no modelo clínico, destacando a importância da integração dos surdos na comunidade de ouvintes. Para isto ocorrer, o sujeito surdo deve aprender a falar por meio de reabilitação da fala em direção à “normalidade” exigida pela sociedade. A autora destaca que:

O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade. (GOLDFELD, 2002, p. 34).

Essa era a minha realidade educacional até os meus primeiros anos do Ensino Fundamental. Aos 7 anos de idade minha mãe me matriculou em uma outra escola também particular e próximo à minha casa. Era uma escola maior e bem mais estruturada. A esperança da minha mãe era que nessa nova escola eu seria mais bem assistida e seria melhor para mim, para que o processo de alfabetização acontecesse em uma escola maior e melhor.

Mas, infelizmente não foi isso que aconteceu. Não consegui adaptar-me a nova escola. A minha relação com os professores e a atenção dedicada a mim não era igual à da outra escola. Possivelmente devido ao número maior de alunos em sala de aula. Como não conseguia acompanhar as aulas, também as minhas relações com meus novos colegas não eram boas, eles não entediam a minha condição e não sabiam como lidar comigo.

O resultado é que tive muitas dificuldades na escola a ponto de não querer ir mais para a escola. Minha mãe sempre atenta e vendo minha dificuldade e a diferença no tratamento dedicado a mim nas duas escolas, logo buscou conversar com a diretora da escola tentando buscar uma forma de eu permanecer lá. Mas, nada se resolveu, hoje compreendo que não havia interesse financeiro para aquela escola em ter um aluno especial matriculado. Como eu estava em fase de alfabetização, necessitava do acompanhamento mais de perto de um intérprete ou professor de apoio.

Porém, essas minhas necessidades educacionais especiais não eram interessantes financeiramente para uma escola particular. De forma que a diretoria da escola não demonstrou interesse na minha permanência na escola. Minha mãe não entendia essa realidade que hoje tenho clareza, mas ela sentia que havia algo de errado. A escola como um todo continuava a me ignorar e não davam a atenção que eu precisava, mesmo com constantes reclamações, nunca tivemos retorno positivo.

Hoje entendo que esse movimento acontece com muitos surdos que iniciaram sua educação no modelo Oralista. Era muito grande as minhas dificuldades de adaptação e de aprendizagem, e sem o acompanhamento de um profissional qualificado, eu estava cada vez mais isolada, sozinha e perdida em uma escola de ouvintes.

Minha mãe compreendeu que a escola particular talvez não fosse o melhor lugar para minha educação e meu desenvolvimento intelectual. E que somente o método Oralista não estava dando conta de minhas demandas de comunicação cada dia mais complexas. Ela teve de tomar uma decisão. Para ela foi muito difícil, pois parecia derrota, mas para mim, foi importante, pois me colocou em contato com um novo mundo de possibilidades.

Segundo Golfeld,

A história da educação dos surdos nos mostra que a língua oral não dá conta de todas as necessidades da comunidade surda. No momento em que a língua de sinais passou a ser mais difundida, os surdos tiveram mais condições de desenvolvimento intelectual, profissional e social (GOLDFELD, 2002, p. 38).

Minha mãe tomou coragem e me tirou da escola particular e me matriculou em uma escola pública. Esta mudança de filosofia educacional aconteceu em 2004. Neste período felizmente a Libras já era uma língua reconhecida como língua de comunicação e educação de surdos em nosso país oficializada pela Lei 10.436 de 2002. De forma que as escolas públicas já estavam se preparando para oferecer o ensino da Libras aos alunos surdos e também o apoio de profissionais de apoio e intérprete educacional.

Nessa nova escola tive meu primeiro contato com a Libras e com a realidade de uma escola maior e com o ensino público. Esse primeiro contato se deu quando eu já tinha nove anos de idade. Minha mãe me matriculou na escola municipal<sup>5</sup> mais próxima de minha casa.

Nessa escola fui muito feliz e lá estudei do 2º ao 8º ano. Nessa escola o tratamento e a atenção comigo e com a minha condição de surda era bem diferente. Fui bem recebida pelo diretor, pelos professores e também pelos colegas. Como na escola pública geralmente as pessoas já haviam tido contato com outras crianças com alguma deficiência ou surdas, não estranhavam eu ter de usar aparelho auditivo e nem a minha condição linguística diferente. Os coleguinhas queriam se aproximar e ajudar. Também lá eu tive meu primeiro intérprete e meu primeiro instrutor<sup>6</sup> surdo educacional.

Minha mãe seguindo as orientações da fonoaudióloga não apoiava eu aprender Libras na escola pública com receio de eu regredir no desenvolvimento da fala e da comunicação. Mas logo que tive contato com a Libras já me adaptei e juntamente com a leitura labial e o uso do aparelho eu conseguia acompanhar bem melhor as aulas. No começo eu tinha de aprender e conversar em Libras escondida da minha

---

<sup>5</sup> Escola Municipal Levina Martins Vieira de Oliveira, localizada no Setor Buriti Sereno de Aparecida de Goiânia-Goiás.

<sup>6</sup> O Instrutor surdo atua junto aos alunos, familiares e profissionais da educação sendo colaborador no processo de aprendizagem do aluno surdo. Acompanha e participa das atividades pedagógicas, esportivas, culturais e outras inerentes ao trabalho escolar. Também é função do instrutor favorecer o aprendizado da Libras pelo aluno surdo familiares e demais alunos ouvintes e Dar suporte aos professores, colegas e família na compreensão da diversidade linguística e cultural dos surdos.

mãe. Com o passar do tempo ela percebeu o meu desenvolvimento e entusiasmo e passou a me apoiar no aprendizado dessa nova metodologia de ensino baseado no uso de língua de sinais.

Quando minha mãe percebeu que eu gostava de Libras resolveu me levar na Associação dos Surdos<sup>7</sup>. Esse foi o meu primeiro contato com a comunidade surda goiana, não imaginava que havia tantas pessoas que conversavam em língua de sinais. Esse contato foi muito bom para eu me entender enquanto sujeito surdo e usuário bilíngue. Agora me sentia mais completa. Eu conseguia falar em português com a ajuda do uso do aparelho auditivo, vocalizava e fazia leitura labial e também conseguia conversar em sinais por meio da Libras.

Fiz vários cursos de Libras e também amigos surdos na Associação dos Surdos de Goiânia. Foi o convívio na comunidade surda que me possibilitou namorar, noivar e me casar com uma pessoa surda.

Em 2006, com a aprovação do Decreto 5.626 de 2005 que passou a regulamentar a Lei da Libras 10.436 de 2002 a inclusão do surdo ganhou mais força. Com esse decreto as escolas tiveram mais força e apoio no ensino das crianças e estudantes surdas. Esse Decreto passou a regulamentar de forma detalhada como se daria o uso, o ensino e a divulgação da Libras em todo o Brasil. Principalmente no campo educacional.

Nesse contexto inclusivo, em 2006 eu já estava cursando a 8ª série do Ensino Fundamental. Com a regulamentação do Decreto 5.626 pude ter acesso a outra ajuda importante no meu aprendizado dos sinais e de aprimoramento no uso da Libras. Comecei a frequentar as aulas de apoio no modelo AEE<sup>8</sup>. Com essas aulas de reforço ampliei meus conhecimentos de sinais e da língua portuguesa na mesma escola que eu estudava, só que no contraturno das aulas regulares.

Em 1º de setembro de 2010 foi promulgada outra importante Lei Federal para a inclusão do surdo. A lei de Nº 12.319, que passou a regulamentar a profissão de Tradutor e Intérprete Libras. Esta Lei regulamentou o exercício da profissão de

---

<sup>7</sup> Associação dos Surdos de Goiânia, fundada em 1975 com o objetivo de prestar assistência e serviços diversos, como serviço social psicologia, fonoaudiologia, audiometria, social, saúde, esportiva e lazer á toda comunidade surda. Situada na Rua 801, Chácara VI, Vila Osvaldo Rosa, Goiânia-Goiás.

<sup>8</sup> O atendimento educacional especializado - AEE tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena Participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas.

Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais-Libras. Neste mesmo ano eu estava muito feliz em ter vencido mais uma etapa da minha trajetória educacional, com muita dificuldade e esforço eu consegui concluir e me formar no Ensino Fundamental.

Em 2011, ingressei no Ensino Médio<sup>9</sup> em uma escola pública estadual em um setor próximo a minha casa. Lá continuei a ter acompanhamento educacional e também pude contar com o apoio de intérpretes. Assim consegui terminar o Ensino Médio em 2013 sem nenhuma reprovação.

Mesmo com o avanço da Lei do Intérprete de Nº 12.319 de 2010 (BRASIL, 2010), a minha relação com os intérpretes educacionais nem sempre foi fácil, tranquila e pacífica. Infelizmente eu sofri, com vários intérpretes que não eram profissionais e muitas das vezes eram despreparados para o trabalho ou só estavam lá pelo salário e não pelo exercício da profissão. Também tive vários intérpretes que eram excelentes profissionais. Tenho lembranças de intérpretes que foram maravilhosos e contribuíram muito com meu sucesso e aprendizado. Muitos deles não somente interpretavam as aulas com profissionalismo e dedicação, mas também se preocupavam comigo e estiveram sempre atentos se eu estava conseguindo entender as aulas. Sempre que eu tive a oportunidade de ter profissionais assim, minhas notas foram boas e eu tinha prazer em estar na escola.

Atualmente sou profissional da educação, trabalhando como professora em uma faculdade na cidade de Aparecida de Goiânia. E com o convívio na escola com colegas de trabalho intérpretes, consigo entender o que acontecia com a maioria dos intérpretes que eu tive na minha trajetória escolar. A verdade é que a realidade profissional dos intérpretes em nosso país ainda é muito precária e instável principalmente os que atuam na educação básica. Infelizmente, não existem muitos bons concursos nesta área e os poucos que têm o salário oferecido não atraem os bons profissionais.

Diante desse panorama, a maioria dos intérpretes educacionais e dos instrutores surdos, ainda trabalham em regime de contrato temporário, sem estabilidade empregatícia e sem plano de cargo, salário e carreira.

---

<sup>9</sup> No Colégio Estadual Professor Gervasio Dourado; Aparecida de Goiânia – Goiás.



Essa realidade acaba atraindo muitas pessoas sem formação ou que estão lá temporariamente até conseguirem emprego melhor. Essa situação explica a constante troca de intérpretes que eu vivenciei na minha jornada escolar. E os porquês de os bons profissionais que tive não terem ficado muito tempo comigo. Com a escassez de bons profissionais que atuam com Libras, logo, esses conseguem se colocar no mercado de trabalho em outros lugares melhores e saem da escola. Esta condição de trabalho gera uma constante circulação de profissionais e prejudica muito o desenvolvimento do estudante, o que ocasiona um atraso no seu aprendizado.

No meu caso, essa constante troca e circulação de intérprete me deixava magoada, porque eles saíam sem que eu entendesse o motivo. Muitas vezes, entre uma troca e outra, demorava chegar o novo intérprete e aí eu tinha que me virar sozinha. Houve casos de eu não dá certo nem combinar com o jeito de alguns intérpretes a ponto de eu nem dar moral para sua interpretação e pedir para que não fizessem nada. Como também houve casos que era o intérprete que não queria trabalhar e só ficava quieto lendo revistas. Outros me ignoravam e não se preocupavam muito comigo.

Senti muita falta dos instrutores surdos no Ensino Médio, pois fizeram muita diferença no meu aprendizado no Ensino fundamental. Assim, meu sonho era trabalhar como instrutora de Libras e ajudar as crianças surdas a aprenderem e serem alfabetizadas sem sofrer o mesmo que eu. Essa é a realidade de outras crianças surdas nas escolas públicas, conforme afirma Prado (2015, p 91) pois as mesmas “dispõem de poucos recursos humanos e pedagógicos para atender à demanda educacional dos alunos surdos. E esses alunos, muitas vezes, ficam sujeitos a organizações escolares que não atendem à sua singularidade”.

Por isso, quando terminei o terceiro ano e formei-me no Ensino Médio, decidi que iria para o Ensino Superior para ser uma instrutora educacional profissional. E para chegar a realizar o meu sonho e meu objetivo profissional, eu escolhi cursar Pedagogia. Escolhi essa graduação para que eu pudesse desenvolver melhor as minhas habilidades de comunicação em sala de aula e aprender a didática para trabalhar com crianças surdas.

## **4.2. Minha experiência como professora de Libras**

No ano de 2014 comecei trabalhar como instrutora de Libras contratada da prefeitura de Aparecida de Goiânia. Por coincidência, na mesma escola onde eu estudei por muito tempo e aprendi a amar a Libras e tive meus primeiros contatos com os sinais e a comunidade surda. Sim, comecei a realizar meu sonho profissional no mesmo lugar que eu estudara quando criança, na Escola Estadual Maria Luzia de Oliveira.

Para mim foi um privilégio poder voltar à escola, agora como educadora. Não tive problemas de comunicação com meus colegas de trabalho porque muitos deles já me conheciam antes como aluna da escola. Eles já sabiam que eu era surda e do meu potencial em ser oralizada.

Porém, confesso que ainda me senti sozinha em questão de desenvolver um bom trabalho com as crianças surdas que acompanhei enquanto instrutora. Ainda não havia interesse por parte de muitos professores e aí a nossa comunicação pedagógica era pouca. Muitos não queriam debater sobre que métodos utilizar para fazer uma adaptação e flexibilização com os estudantes surdos.

Mas não desisti. A partir dos conhecimentos adquiridos no curso de Pedagogia, busquei desenvolver jogos para o aprendizado lúdico da Libras e para incentivar a memorização das crianças. Também trabalhei com os estudantes ouvintes alguns temas ligados à surdez, inclusão e acessibilidade para que de alguma forma pudessem desenvolver a consciência deles ao diferente.

Utilizei também alguns recursos didáticos como jogos da memória, dominós, caixas de vocabulários e cadernos de conceitos da professora Rosana Prado.

Para isso sempre procurei saber o que eles gostavam de fazer e a partir desses temas e brincadeiras introduzi a Libras. Utilizei muitas tecnologias de comunicação e informação como o auxílio do notebook buscando interagir com a turma com jogos e didáticas variadas. Trabalhei com cinco alunos surdos e percebi o avanço deles na aprendizagem da língua de sinais e da língua portuguesa. Os pais dos meus alunos me agradeceram, pelo progresso deles, pois passaram a comunicar melhor com a família e amigos.

Tem sido uma nova vida para mim, com as experiências de trabalho e contato com surdos. Sinto-me satisfeita com meu trabalho, a cada dia aprendo mais, descubro novas metodologias para utilizar com meus alunos, para que eles se tornem pessoas capazes de fazer tudo àquilo que quiserem e sonharem. Acredito que a minha profissão é importante e me sinto responsável por repassar o conhecimento da Libras, seja para alunos surdos e ouvintes, integrando-os e facilitando as formas de comunicação entre todas as identidades: ouvintes, oralizados e sinalizastes.

## 5. CONCLUSÃO

Relembrando minha vida percebo que para conseguir me comunicar oralmente e por meio da língua de sinais foi uma trajetória de muitas dificuldades, tanto para mim quanto para minha família. Hoje reflito como era difícil e dispendioso para meus pais custear tratamentos, terapias, estudos e aparelhos para eu aprender a falar oralmente. Além de todo tempo e esforço necessário para mim, uma criança, ter que realizar tudo isso. Lembro-me com gratidão de meus pais me levando para a Fonoaudiologia e depois eu ainda tinha de estudar na escola particular todos os dias.

Lembro-me das dificuldades na escola particular sem intérprete, das dificuldades nos componentes curriculares e das notas baixas. Lembro-me da tristeza e da luta da minha mãe em buscar soluções para o meu sucesso nos estudos, mas, ao mesmo tempo, preocupada em obedecer às regras da fonoaudióloga que proibia meu contato com os outros surdos e com a Libras.

Lembro-me e sinto algo que me acompanha sempre que requiro a ajuda de um intérprete. Devido às minhas habilidades de comunicação oral, mesmo sem aparelho eu consigo fazer leitura labial muito bem e com aparelho consigo decodificar alguns sons que me ajudam na leitura labial, um completando o outro. Mas, muitos não entendem que mesmo assim eu ainda necessito da ajuda de um apoio educacional em Libras.

Concluo, refletindo que a minha trajetória foi muito difícil, mas, graças a Deus consegui superar as dificuldades. Graças também a todas as metodologias de educação de surdo a mim dispensadas, com o uso correto do aparelho auditivo e principalmente com o carinho e a dedicação da minha família. Eles sempre me apoiaram e promoveram uma boa comunicação entre mim e os demais membros da nossa família. Mesmo não sabendo Libras, minha irmã começou a aprender, mas achou muito difícil e logo parou. Somente minha mãe sabe o básico. Entretanto, todos dedicam a maior atenção quando vão conversar comigo e fazem tudo para que eu possa entender a conversa e o assunto. Sinto-me incluída nas reuniões de família e nos eventos, todos conversam comigo e me admiram muito por tudo que conquistei na vida.

Aproveito muita coisa das experiências vivenciadas na minha trajetória educacional desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Sou muito grata a todo conhecimento adquirido. E reconheço que a profissional que hoje me tornei foi graças a todo esforço a mim dedicado de professores, instrutores, intérpretes e na convivência com a comunidade surda goiana, principalmente na Associação dos Surdos. Para mim foi extremamente importante à presença desses profissionais durante minha trajetória e mudou muito minha vida pessoal e profissional.

Esta é a minha trajetória linguística, educacional e identitária, a de um sujeito que vivenciou a experiência bilíngue muitas vezes mal compreendida, por ser vista como uma surda no mundo dos ouvintes e uma ouvinte no mundo dos surdos.

## REFERÊNCIAS

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso) . Acesso em 26 de Junho de 2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] União, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm) . Acesso em: 10 de junho de 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] União, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf> Acesso em: 10 de junho. 2020.

\_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=12319&ano=2010&ato=54cETVq1keVpWT416> Acesso: 10 mar. 2020.

\_\_\_\_\_, MEC. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004. 94 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf> . Acesso em 26 de Junho de 2020.

CASTRO, Raimundo Márcio Mota de. **História e memórias do ensino religioso na escola pública**: lembranças de tempos discentes e docentes. PUC Goiás, 2013.

CAPOVILLA, Fernando C. Filosofias Educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilingüismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.6, nº1, 2000, p.99-116. Disponível em: [https://www.abpee.net/homepageabpee04\\_06/artigos\\_em\\_pdf/revista6numero1pdf/r6\\_art06.pdf](https://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista6numero1pdf/r6_art06.pdf). Acesso em 26 de Junho de 2020.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994, Salamanca-Espanha. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 26 de Junho de 2020.

GOLDFELD, Marcia. **A Criança Surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2. ed. São Paulo: Ed. Plexus, 2002.

LIMA, M. E. C. C; GERALDI, C. M. G.; J. W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista**, v. 31, n. 1, p. 17-44, 2015.

MACHADO, Paulo César. **A política Educacional de Integração/Inclusão – Um Olhar do Egresso Surdo**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008. Disponível em: [https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/d/dc/A\\_politica\\_integracao\\_inclusao\\_dissert.pdf](https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/d/dc/A_politica_integracao_inclusao_dissert.pdf). Acesso em 26 de Junho de 2020.

MANTOAN, M. T. E. et al. **A interação de pessoas com deficiências**. São Paulo: Menmon Editora, 1997. Disponível: [https://centrodeselecao.ufg.br/2014/concurso\\_seducap/sistema/edital/ANEXO](https://centrodeselecao.ufg.br/2014/concurso_seducap/sistema/edital/ANEXO) . Acesso em 26 de Junho de 2020.

REDONDO, Maria Cristina da F.; CARVALHO, Josefina Martins. Deficiência Auditiva. Ministério da Educação, 2001. p.11. **Cadernos da TV Escola**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/documentos-pdf/428-diretrizes-publicacao>. Acesso em 26 de Junho de 2020.

SILVEIRA, L. C.; CAMPELLO, A. R. S. Materiais didáticos em Libras como facilitadores do processo inclusivo. **Revista Espaço**, n. 43, p. 2019-238, 2015. Disponível em: <http://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1308/1305>